



O moderno português europeu

Você vai entender os fatores históricos que possibilitaram as mudanças linguísticas no português europeu, analisando as transformações fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais, além das alterações ortográficas no português moderno.

Propósito

Estudar as mudanças linguísticas no português europeu, especialmente nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical, é essencial para profissionais de Linguística e Educação. Esse conhecimento permite compreender as transformações da língua ao longo do tempo e suas implicações na ortografia e na comunicação contemporânea.

Objetivos

- Reconhecer os fatores históricos das mudanças linguísticas e as mudanças no nível fonológico do moderno português europeu.
- Reconhecer os fatores históricos das mudanças linguísticas, as mudanças nos níveis morfológico, sintático e lexical do moderno português europeu, e listar as alterações ortográficas do português atual.

Introdução

Compreender as mudanças linguísticas ao longo da história do português envolve a análise de fatores externos que possibilitaram essas transformações. A língua portuguesa, como qualquer idioma vivo, não é estática, e suas variações ao longo do tempo refletem influências sociais, políticas e culturais que marcaram diferentes períodos da história. A partir dessa perspectiva, é possível reconhecer os motivos que levaram à evolução do moderno português europeu, com ênfase nas transformações fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais.

No nível fonológico, o português europeu moderno passou por mudanças significativas. A evolução da pronúncia, incluindo a simplificação de certos sons e a redução de outras características fonéticas, é um reflexo das mudanças na forma de comunicação ao longo dos séculos. Essas transformações influenciaram diretamente a forma como as palavras são faladas hoje, diferenciando o português europeu de outras variantes da língua.

Além das mudanças fonológicas, o português europeu também passou por importantes modificações em sua morfologia, sintaxe e léxico. No plano morfológico, algumas flexões verbais e nominais foram simplificadas, enquanto na sintaxe houve um rearranjo das estruturas de frases para torná-las mais diretas e eficientes. O léxico também evoluiu com a incorporação de novos termos e o desaparecimento de outros, refletindo as necessidades e os avanços culturais e tecnológicos ao longo do tempo.

Outro aspecto fundamental foi a reforma ortográfica que trouxe alterações na grafia de diversas palavras, com o intuito de unificar a escrita e facilitar a comunicação entre os países lusófonos. Essas modificações ortográficas são um reflexo do esforço para tornar o idioma mais coeso, alinhando as variações fonéticas e morfológicas com uma escrita comum.

Estudar essas transformações não só revela a dinâmica interna da língua portuguesa, mas também ajuda a compreender como o idioma se adaptou às mudanças sociais, mantendo sua vitalidade e relevância no cenário global.

Movimento cultural

Confira, a seguir, o movimento cultural da escola literária.

Ano 1350

Em primeiro lugar, deve-se considerar que assim que acaba o movimento cultural da escola literária que elevou o prestígio do galego-português, o galego começa a isolar-se do português (desde o século XIV, por volta de 1350). Conta-se com o testemunho de obras em prosa, como o exemplifica a *Crônica Troiana*. Portugal, a essa época, já obteve uma organização política que corresponde, quase perfeitamente, à extensão que possui hoje. E essa estabilidade de fronteira política também se verificou na fronteira linguística, pois o português, uma vez separado do galego, é adotado em todo o território, com números desprezíveis de outras comunidades linguísticas.

Ano 1350 - 1450

Entre 1350 e 1450, houve um segundo re florescimento de obras líricas, mas sem participação portuguesa, o que também marca a separação do galego e do português.

Século XVI

O centro cultural de Portugal oscila então entre Coimbra, Lisboa e Évora, inicialmente, pois que aí estão localizadas as Universidades e os Mosteiros (também responsáveis pela produção do saber, como é o caso dos de Alcobaça e de Santa Cruz). Em meados do século XVI, o eixo Lisboa-Coimbra passa a ser o centro cultural a partir de onde será emanada a norma linguística. Nessa época, Portugal vive uma fase de transformações muito intensas com os descobrimentos e a expansão ultramarina, que já conhecemos, principalmente por fazermos parte dessa história. Assim, culturalmente, a produção também aumenta e a figura mais emblemática não poderia deixar de ser nosso ilustre poeta Camões, e a obra, igualmente emblemática, não poderia deixar de ser, *Os Lusíadas*, cuja publicação marca o início do moderno português europeu.

Século XVII

Assim, a partir do século XVII, o galego deixa de ser língua literária em Portugal, passa a ser usada apenas oralmente e recebe transformações fonéticas (algumas delas aparecem no capítulo III, da obra citada de Paul Teyssier). Aparecem ainda questões interessantes, como a ascensão do prestígio do espanhol, de forma que essa língua passou a ser, por um tempo, a segunda língua, que indicava prestígio, entre os portugueses cultos, fenômeno conhecido como "castelhanização da corte" (TEYSSIER, 2001). A perda desse prestígio só acontece com a subida de D. João VI ao poder.

Século XVIII

A segunda influência bem marcada se deu mais tarde, a partir do século XVIII, com a ascensão da cultura francesa, verificada não só no conteúdo das obras, como também no vocabulário e na sintaxe portugueses. Nesse período, deve-se destacar ainda as obras especificamente dedicadas ao conhecimento da língua, considerados gramáticos, lexicógrafos e filólogos.

Gramática da língua portuguesa

A primeira gramática data de 1536, de autoria de Fernão de Oliveira. A ela seguem-se importantes publicações, como Grammatica da Lingua Portuguesa, de João de Barros, Orthographia, de Duarte Nunes do Lião, dentre outros.

Assim sendo, passamos à observação das transformações fonéticas do português europeu do séc. XIV aos nossos dias.

Eliminação dos encontros vocálicos em hiato, advindos da síncope das consoantes -d-, -l- e -n- intervocálicas. Para tanto, o sistema linguístico encontrou soluções:

- Desenvolvimento de uma consoante entre essas vogais: v~io > vinho (til em cima do i).
- Contração de duas vogais numa única.

Vogal nasal

Se uma vogal é nasal, geralmente o resultado é uma vogal nasal:

Exemplo: lãa > lã; paombo > pombo, etc.

Contração de duas vogais orais

A contração de duas vogais orais sempre resulta em vogal oral, podendo afetar o sistema e trazer novos fonemas.

- **Em posição tônica**, o sistema já é o atual.

Exemplo: vies > vis; leer > ler; pee > pé; coor > cor; nuu > nu.

Ganha > ganha, [a] aberto} a partir desses dados, opõem-se -ámos e -amos.

Cama – a etimológico → [ä] fechado } perfeito e presente em português europeu.

- **Em posição postônica**, o sistema não se altera. As contrações de –oo e –aa em fim de palavra se tornam –o e –a, respectivamente.

Exemplo: diaboo > diabo; Brágaa > Braga.

Confundem-se com –o e –a etimológicos, herdados das formas latinas, como amigo, amiga.

- **Em posição pretônica**, as contrações dos hiatos produzem três fonemas vocálicos novos, que se distinguem das vogais simples na mesma posição ([ɛ], [a], [ɔ]).

Exemplo: escaecer > esquecer, esquècer; preegar > prègar; caaveira > càveira; coorar > corar, etc.

No século XV, quando as contrações dos hiatos se completaram, essas vogais deveriam ser longas e abertas, em oposição às pretônicas simples ([e], [a], [o]), breves e fechadas.

- Os três fonemas novos serão reforçados em palavras eruditas, que terão timbre aberto, como: Exemplo: dir[ɛ]ctor, [a]ccção, ad[ɔ]pção, etc.

Sistema de vogais orais em posição pretônica

Por volta de 1500, o sistema de vogais orais em posição pretônica estava igual ao das tônicas:

- i u
- e o
- ɛ ɔ
- ä
- a

Contração de duas vogais orais em ditongo oral

A contração de duas vogais orais em um ditongo oral pode causar confusões, como no caso de:

- a-e > ae, confundido com ai;
- a-o > ao, confundido com au.

Algumas contrações darão origem a ditongos inteiramente novos, inexistentes na língua até então, como:

- [ɔ]e > oe, hoje oi: so-es > soes > sóis;
- [ɛ]o > eo, hoje eu: ce-o > ceo > céu;
- [ɛ]e > ee > ei: crue-es > cruees > cruéis.

O quadro dos ditongos se estabelece assim:

- ui, iu
- ei, oi, eu, ou
- [ɛ]i, [ɔ]i, [ɛ]u
- ai, au

Contração de uma vogal

A contração de uma vogal nasal e uma vogal oral em ditongo nasal resulta em:

- ã-o, ã-e, õ-e > ditongos: ão, ãe, ãe, como em mão, cães e leões.

Encontros vocálicos

Encontros vocálicos provenientes da síncope de -d- de desinências verbais (2ª pessoa do plural) são resolvidos de formas distintas:

- As vogais são suprimidas por ações analógicas: seerei e teerei > serei e terei, com [e] pretônico ao invés do esperado [ɛ];
- As grafias não seguem as transformações, mantendo vogais duplas mesmo depois de já feita a contração;
- Escrevem-se vogais duplas onde não existiam, para indicar sílaba tônica, como em estaa, antiigo, etc.

Alguns hiatos são eliminados mais tarde, como:

- ~u-a (til em cima do u) > uma;
- e-o > -eio, -eia, com alargamento;

Alguns encontros vocálicos sobreviveram, como lua, boa, etc.

Hiatos produzidos por quedas de consoantes desencadearam um processo de revisão que provocou o enriquecimento do sistema fonológico das vogais nos séculos XIV e XV, com:

- Oito vogais em posição tônica e pretônica;
- Em posição final, apenas três (/E/, /A/, /O/);
- Além de onze ditongos orais (ei, ei, ai, ói, oi, ui, iu, eu, éu, au, ou) e três nasais.

Unificação dos substantivos singulares anteriormente em -ã-o, -an e -on:

- Os antigos hiatos (mã-o, can e le-on) reduziram-se (> mão, can e leon) para então se unificarem em mão, cão e leão. Isso mostra que todas as palavras da língua que possuíam -an (am) e -on (om) convergiram para -ão;
- formas verbais tônicas: dan > dão.



Saiba mais

átonas: cantáran cantarão (hoje cantaram, mais que perfeito), que se diferenciava de "cantáron" (perfeito). -advérbios: entón, non então, não. Por volta de 1500, o estado da língua moderna já estava definido quanto a esse aspecto. E do centro-sul passam a emanar as leis.

Permanência da distinção entre /b/ e /v/ no português comum:

- /b/ e /v/ continuam sendo fonemas distintos.
- o centro e o norte hoje, como em espanhol, têm um único fonema que é /b/ oclusivo bilabial ou /β/ fricativo bilabial, dependendo do contexto fonético em que ocorra.
- no séc. XVI, um testemunho explícito: Duarte Nunes do Lião, em sua Orthographia, menciona a confusão entre b e v.



Comentário

Explicações possíveis: Toda a Península teria conhecido primeiro a distinção entre um /b/, que era uma oclusiva bilabial, e um /v/ que era uma fricativa labiodental; esse fenômeno atinge todas as regiões, menos o centro e o sul de Portugal. Haveria uma oclusiva /b/ e outra fricativa /β/. O traço de distinção desapareceria causando confusão, mas no centro e no sul a oposição permaneceria pela passagem do /b/ bilabial a /v/ labiodental. Com isso, os falares do norte se afastaram mais dos do centro e do sul.

Evolução do sistema das sibilantes

Inicialmente, são quatro os fonemas: [ts],[s],[dz] e [z]. Por volta de 1500, [ts] e [dz] perdem o elemento oclusivo. O novo quadro assim se organiza:

- Predorsodentais surda (/s/, escrita ç e c, como em “paço”) e sonora (/z/, escrita z, como em “coser”);
- Ápico-alveolares surda (/ʃ/, escrita s e ss, como em “passo”) e sonora (/ʒ/, escrita s, como em “coser”);
- Os textos aljamiados escritos em Marrocos mostram não haver confusão entre as séries, e a gramática de Fernão de Oliveira contém descrição precisa.
- No fim do séc. XVI, o português reduziu o sistema das sibilantes a dois fonemas, em favor das predorsodentais, como o francês: surda /s/, de forma que “paço” e “passo” confundem-se, e a sonora /z/, causando confusão entre “coser” e “cozer”.



Atenção

Esses fatos ocorreram com o português comum, a língua oficial e de prestígio do centro e do sul. No norte é diferente: do noroeste ao centro-leste, dois fonemas ([ʃ] e [ʒ], também conhecidos como “s beirão”); no Minho, Trás-os-Montes e Beira alta, conservam-se os quatro fonemas.

Monotongação de ou em [o]:

- no norte, continua a existir ou;

- algumas palavras variam de ou para oi (toiro, oiro, coisa);
- esse ditongo oi evitou a monotongação, mas se confundiu com oi já existente na língua, herdado do latim, como “noite, oito” etc);
- essa variação não atingiu todas as palavras (como pouco, amou etc);
- no séc. XVI, antes de generalizar-se o fenômeno na língua padrão, os judeus no teatro de Gil Vicente empregam sistematicamente oi por ou: coisa, poico etc.

Passagem de [t] a [ʃ]:

- Mas o norte não opera tal transformação e conserva o que já existia.
- No sul, surge a mudança que se transforma em norma, em língua padrão.

Pronúncia chiente de s e z implosivos:

- hoje, todo s e z implosivos (fim de sílaba) são chientes [ʃ] ou [ʒ].



Comentário

Explicação: Enquanto as ápico-alveolares se transformavam em predorsodentais em início de sílaba, elas se teriam palatalizado em fim de sílaba como chientes. É pouco compreensível o fato de que, em Minas Gerais, s e z implosivos são chientes puros. S e z implosivos teriam sido inicialmente sibilantes; entre o séc. XVI e o primeiro testemunho, o chimento teria se produzido. Nos falares do norte, na zona intermediária do “s beirão”, os s e z implosivos são comumente percebidos como ápico-alveolares. Na zona arcaica do nordeste, entre o antigo s, pronunciado como um [ʃ] ápico-alveolar, e o antigo z, pronunciado como [ʒ] predorsodental, há diferença.

“Redução” das vogais átonas [e] e [o]

Veja, a seguir, a redução das vogais átonas [e] e [o].

Átonas finais

Por volta de 1800, e e o pretônicas e átonas finais serão reduzidas:

- [e] > [ɐ]: m[ɐ]ter e p[ɐ]se;
- [o] > [u]: m[u]rar, pás[u].

Grafia oficial

A grafia oficial continua a manter e e o.

Vogais com Caminhos diferentes

Mas essas vogais terão caminhos diferentes:

- Posição átona final: o séc. XVII tem testemunho dessa redução. Na primeira metade desse século, a regra é que $o \times u$.
- Na segunda metade, $e > i$ (hoje $i > \ddot{e}$);
- Posição pretônica: no século XVI, apresentam-se oito fonemas (contando-se aí i e $\ddot{e}$).

Posição pretônica

Em posição pretônica, há as seguintes intervenções:

Dissimilação

- $-i-i > -e-i$
- $dizia > dezia$
- $-u-u > -o-u$
- $futuro > foturo$

Dilação

- $-e-i > -i-i$
- $menino > minino$
- $-o-u > -o - u$
- $fremosura > frumusura$

Hesitações morfológicas nos paradigmas verbais: fogir-fugir; dormirei - durmirei, em razão das alternâncias vocálicas regulares de fujo-foge e durmo-dorme.

Palavras particulares: o e e pretônicos» u e i.

Essas variações vocálicas não caracterizam uma evolução do sistema e uma passagem de $e > i$, $o > u$.

Detalhes

Detalhando um pouco mais, temos:

$[o] > [u]$, sendo que no século XVII temos $[o]$, e mais ou menos em 1800 temos $[u]$ $[e]_{gt}$; $[\ddot{e}]$.

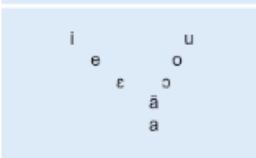
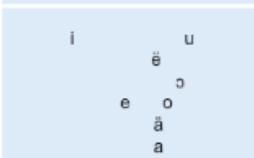
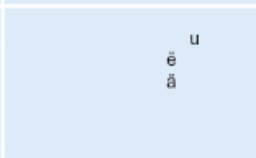
Século XX

No Séc. XX, temos:



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ver mais detalhes da imagem abaixo.

tônica	pretônica	postônica
		

Monotongaço ou manutença de ei

A monotongaço de ei > e não foi admitida na língua comum, por causa de Lisboa (se incluiu, quanto a esse fenômeno, no grupo conservador, com o norte).

Na língua moderna, houve um fenômeno de diferenciação: ei > äy

Inovações fonéticas do século XIX

As mais importantes são:

- ey > äy: diferenciação para acentuar oposição entre o elemento inicial e o elemento final do ditongo (admitido como normal na língua padrão);
- [e] tônico > [ä] diante de palatal: venho [vänho], espelho [ispälhu], vejo [väžu], fecho [fäfu] etc.
- Pronúncia uvular do /r/ forte: /r/ brando (uma vibração) e /r/ (mais de uma vibração) > /r/ brando e /r/ forte uvular.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Principais alterações nos planos morfológico

Partindo do que já foi iniciado anteriormente, apresentam-se agora as principais alterações nos planos morfológico, sintático e lexical. Vejamos!

Do século XVI em diante, pode-se dizer que a morfologia atingiu um nível de estabilidade que inspirará poucas alterações no português europeu. As evoluções fonéticas atingem obviamente o sistema morfológico.

Um caso emblemático dessa situação é a formação dos plurais de nomes terminados em **-ão**, como ocorre com os exemplos:

- Mãos.
- Cães.
- Leões.

Assim como ocorre também com a fixação dos femininos de adjetivos em **-ão**, como o exemplo de **sã**.

Outro caso produtivo na análise dos textos é o plural de nomes e de adjetivos terminados em **-l**, como por exemplo:

- Cruel/cruéis.
- Sol/sóis.



Atenção

É importante salientar que são eliminadas as formas de possessivos femininos átonos **ma**, **ta** e **as**. Já os anafóricos **(h)i** e **em** desaparecem como formas independentes. Pronomes e advérbios dêiticos organizam-se em um quadro que já é o atual: **este**, **esse**, **aquele**; **aqui**, **aí**, **ali**, **cá** e **lá**.

Homem sendo empregado como a função de pronome indefinido, à semelhança do **on** francês, desaparece nesse período, bem como o uso do partitivo (como em “Quero do pão”). Além disso, as preposições **per e por** fundem-se em favor de **por** e **pelo** e **polo**, em favor de **pelo**.

Quanto à morfologia do verbo, há uma simplificação de seu paradigma. Vejamos!

As primeiras pessoas

As primeiras pessoas do tipo senço, menço e arço são então estabilizadas em sinto, minto e ardo. Os participios passados em –udo desaparecem em favor da desinência –ido. As alternâncias vocálicas se regularizam. Fizemos e posemos passam a fizemos e pusemos. O verbo ser se estabiliza a partir da fusão da conjugação de dois verbos, sum e sedeo. A segunda pessoa do plural, por ter perdido o –d-intervocálico, fixa-se em –ais, –eis e –is, dependendo do verbo.

Testemunhos do estágio

Como casos de testemunhos do estágio ora estudado, temos as falas de alguns personagens de Gil Vicente, de características arcaizantes, que mostram ocorrências de usos já desconsiderados pela língua padrão então em uso, como é o caso do emprego de on, ma, ta e sa, desinência –des, etc.

Plano morfológico

Ainda no plano morfológico, aponta-se a questão do tratamento, que até aproximadamente 1500 só contava com o tuteamento familiar e o voseamento cerimonioso. A partir de então surgem as formas “vossa graça”, “vossa mercê”, “vossa excelência”, “senhor” e “senhor doutor”.

Segundo Teyssier (2001), já se verifica, a partir do século XIX, o desuso da 2ª pessoa do plural na língua falada.

Latinismo

No português moderno, há dois casos em que o emprego do infinitivo flexionado é obrigatório, quais sejam, quando há um sujeito explícito e quando a clareza exige, para que se evite a ambiguidade, que se verifica respectivamente em:

“

E feito o cômputo dos tempos, se achou serem passados trezentos anos

—

BERNARDES. Sermões e práticas. Lisboa, 1733, II, p. 242.

“

Ó Netuno, lhe disse, não te espantes De Baco nos teus reinos receberes.

—

Os Lusíadas, VI, 15.

Também aparecem na própria obra Os Lusíadas exemplos nos quais se esperaria a ocorrência de infinitivo flexionado, ao invés de não flexionado:



Não sofre muito a gente generosa. Andar-lhe os cães os dentes amostrando.

—

Os Lusíadas, v. I, 87.

Quanto à sintaxe, pensando em termos de colocação, concordância e regência, observamos tudo quanto segue.

O início da era moderna salienta uma acentuada liberdade em termos de colocação das palavras na frase. Muitos desses casos é questão daquilo que se chama "latinismo", isto é, uma retomada, dentro do possível, do estilo dos autores latinos. São casos desse tipo a transposição do verbo para o fim da frase nas subordinadas, o estilo de frases longas, e períodos carregados de subordinação, dentre outros. Observem-se:

Camões

"A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros"

Lus. 1, 26

"(...) quando alevantaram um por seu capitão,
que peregrino fingiu na cerva espírito divino."

Atualmente, é a ordem direta a preferência absoluta, principalmente em textos não literários. A ordem inversa se dá pela influência do latim literário, como já se disse anteriormente. Apesar disso, há alguns pequenos contextos sintáticos que acabam favorecendo a ocorrência da ordem indireta, como é o caso em orações com intransitivo, com voz passiva, com imperativos e optativos:

- "morreu o general";
- "foi dado o primeiro passo";
- "façase ser ouvidor;
- "chegaram as férias";
- "começaram as aulas".

Quanto à concordância, pode-se dizer, consoante Chaves de Melo (1981) que ela é tão rica e variada quanto os escritores a apresentaram, segundo intensas variações semânticas em numerosas possibilidades estilísticas.

Embora historicamente a língua arcaica estivesse mais próxima ao latim, a concordância se fazia de um modo mais livre. Atualmente, as regras se sistematizaram ao ponto de exercer estigmatização social no falante que delas se afasta.

Os renascentistas obviamente se esforçaram para tornar a língua mais próxima ao latim, como se vê no exemplo abaixo, um caso de concordância do verbo com o apostro:



Vêde-los alemães, soberbo gado Que por tão largos campos se apascenta, Do sucessor de Pedro rebelado, Novo pastor e nova seita inventa.

Lus., VII, 4.

Os autores reconhecem na aplicação da concordância uma questão de estilo que supera a questão de gramática, no que concerne à imensa variedade de usos constatados nos textos. Para tanto, recomenda-se a obra de Said Ali, intitulada *Gramática Histórica*, que nesse tema é uma das mais completas. A esse respeito confirmam os exemplos de concordância com a expressão "um dos que".

Inicialmente pensar-se-ia que só o plural importaria. No entanto é o singular que trem ganhado espaço, num esforço de realçar o elemento singular ("um").

Observem-se os exemplos abaixo, dispostos em ordem cronológica, segundo a época em que viveram os autores:

Exemplo 1

Uma das cousas que me mais espantou desno tempo que comecei a revolver livros foi a demasiada negligência dos cronistas destes reinos" (Damião de Góis, D. Manuel, 577).

Exemplo 2

"Ele foi ua (TIL EM CIMA DO U) das primeiras terras de Espanhaque recebeu a fé de Cristo" (Frei Luís de Sousa, História de S. Domingos, p.2).

Exemplo 3

"Ua (TIL EM CIMA DO U!!!) das cousas que agradou sempre a Deus em seus servos, foi a peregrinação" (Vieira, Sermões, VII, p.568)

Quanto à sintaxe de colocação, ressalta-se imediatamente a questão da colocação dos pronomes.

Desde a língua arcaica, verificam-se diferentes tendências.

Assim muitas vezes aparecem ênclise com futuro do presente e com futuro do pretérito (antigo Condicional), como "farei-te", ;caria-o", "(...) ou vós me matade, ou eu matarei-vos" (Ademanda do santo Graal, Ed. ,Magne, 1, p.88, apud Chaves de Melo, 1981).

Há também uma quantidade considerável de ocorrências em que outros elementos aparecem entre pronome e verbo. Vejamos alguns exemplos a seguir.

1 Livro das Linhagens

Livro das Linhagens (séc. XII ou XIV): "(...) perguntou (...) como poderia leixar aquel castelo a seusalvo, pois que lho el-rei non queria tomar."

2

Gil Vicente

Não tem mais de dous vinténs

Que lhe hoje o cura emprestou!" (quem tem farelos versos? 219-220).

3

Camões

"Nomes com quem se o povo néscio engana" (Lus., IV, 96)

4

Prosa de Gabriel S

"(...) porque o achou fortificado dos franceses na terra firme, onde tinham feito cercas mui grandes e fortes de madeira, com seus baluartes e artilharia, que lhes umas naus que ali foram carregar de pau deixaram, com muitas espingardas". (Tratado descritivo do Brasil em 1587, 3 ed., Cia Ed. Nacional, 1938).

Do século XVI ao XVIII, vão se fixando tendências que orientam esse uso até os dias atuais, ligadas a um processo fonético de atonização porque essas formas passaram, procurando, tais pronomes, um apoio fonético na emissão da sílaba tônica das palavras que os circundam na construção, conforme se encontra explicitamente dito em qualquer manual de língua portuguesa atual.

A despeito das regras sistematizadamente expostas nos manuais, essas posições são muito mais tendências do que regras propriamente ditas. Ao lado que preconizam os manuais, há um número considerável de escritores portugueses que exemplificam usos divergentes.

Com as grandes navegações, Portugal conquistou muitos outros territórios. Esses fatos também trouxeram interferências na deriva natural da língua portuguesa. Isso se verificou principalmente no plano lexical da estrutura linguística.

Foram contribuições que vieram de diferentes continentes. Inicialmente, o português recebeu novos vocábulos da África, com novas palavras árabes; da Ásia, com o dravídico, o malaio e o chinês, e mais tarde, do Brasil.

Bilinguismo Luso-espanhol

Outro fator que provocou algumas alterações no léxico português foram os dois séculos e meio de bilinguismo luso-espanhol, nos quais houve significativas trocas, embora o português tenha aceitado poucas contribuições do espanhol.

Na virada do século XVIII para o XIX, verifica-se em curso um período de aceleração de algumas tendências anteriores que então se sedimentam e, portanto, identifica-se aí uma nova inspiração linguística cunhada por alguns, como o início do português contemporâneo.

Para ilustrar as alterações promovidas nesse período, citam-se o emprego do artigo definido acompanhado de possessivo, a maior rigidez no emprego do pronome átono (que em Portugal tem a preferência inicialmente pela próclise e hoje pela ênclise), o emprego da mesóclise restringe-se ao registro escrito da língua, o emprego do futuro perde seu caráter mais temporal e adquire o traço mais modal, o pretérito mais-que-perfeito confina-se também ao registro escrito.



Comentário

Até 1907, a ortografia do Brasil e Portugal são oficialmente as mesmas, ano em que a Academia Brasileira de Letras tentou estabelecer um sistema ortográfico próprio, que foi visto e revisto pelos estudiosos interessados da época, o que culminou em uma grande revisão e voltou a envolver Portugal, na edição de 1931 da reforma ortográfica.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Considerações finais

Neste conteúdo, analisamos as transformações históricas da língua portuguesa a partir dos fatores externos que impulsionaram sua evolução. Compreender essas mudanças é fundamental para perceber o idioma como um organismo vivo, que responde a diferentes contextos sociais, políticos e culturais. Nosso foco recaiu sobre a formação do português europeu moderno, com destaque para as alterações fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais que marcaram sua trajetória.

No campo fonológico, observamos mudanças expressivas na pronúncia das palavras, com a simplificação e eliminação de certos sons ao longo dos séculos. Tais transformações moldaram a sonoridade atual do português europeu, diferenciando-o de outras variantes da língua. Também abordamos a evolução morfológica, evidenciada na simplificação de flexões verbais e nominais, e as reconfigurações sintáticas, que tornaram as construções frasais mais diretas e funcionais. O léxico, por sua vez, acompanhou as transformações sociais e culturais, incorporando novos termos e deixando outros em desuso.

Outro ponto importante discutido foi a reforma ortográfica, que promoveu mudanças na grafia de diversas palavras, buscando maior uniformidade entre os países lusófonos. Essa padronização reflete o esforço por uma comunicação mais coesa, alinhando escrita e variações linguísticas.

Refletir sobre essas mudanças permite reconhecer a adaptabilidade do português diante dos desafios históricos e reforça sua relevância como uma das línguas mais faladas do mundo. Estudar sua evolução contribui não apenas para entender o passado do idioma, mas também para valorizar sua riqueza e diversidade no presente.

Explore+

O aprendizado é um processo contínuo e dinâmico. Vá além deste conteúdo. Pesquise artigos acadêmicos para entender os debates atuais, assista a palestras para ouvir perspectivas diversas, leia livros especializados que aprofundem o tema e explore aplicações que conectem teoria e prática.

Cada novo recurso que você explora é uma oportunidade de enriquecer sua compreensão e abrir caminhos para novas descobertas. Que tal dar o próximo passo hoje?

Referências

CASTILHO, Ataliba A. T. de. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.

LÉLLIS, R. M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Depto de Letras da UERJ, 2001

TARALLO, F. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.